

Education, Entertainment and Politics

Paul Greenhalgh

in VERGO, Peter. *The New Museology*. London: Reaktion Books, 1989.

Resumo do texto:

- 1) Atingir público maior é função de alargar as contribuições financeiras. Por isso, a comparação com as grandes exposições.
 - 2) Comparar exposições inglesas com parisienses até a I GMundial, com especial atenção às partes ditas educativas com relação àquelas que seriam definidas como entretenimento.
 - 3) O ano de 1871 divide as duas categorias de exposições entre 1851 e a I GM. Nos primeiros 20 anos as exposições foram modestas se comparadas à segunda fase. Depois de 1886, as exposições inglesas introduziram entretenimento em larga escala.
 - 4) A expo do Crystal Palace atraiu muitos artesãos. Foi possível perceber seu potencial educativo. Enquanto para os nobres...tédio diante dos objetos.
- Pg. 76 “O comércio não entrava em conflito com a moralidade nem com objetivos educacionais nem ainda com a religião. “
- 5) Muitas exposições se realizaram depois do Crystal Palace e foram pouco estudadas – revelando não só a pobreza das monografias inglesas sobre arte e design, mas também certo mal-estar acadêmico diante de eventos que combinavam equipamentos de prazeres e eram realizados longe de centros de excelência.
- Aqui claramente há a crítica a Adorno e a visão sobre a indústria cultural. Vergo acusa os scholars de serem apocalípticos, como U. Eco definiu.
- 6) As exposições tornaram-se temáticas. E afastaram-se da ideia de educação pública e moveram-se para a melhoria das profissões (pg. 79), o que deve à política de competição imperial do período.
 - 7) A partir de 1887, a especialização tomou novo rumo, dedicadas a um só país. As exposições também tiveram o papel de valorizar certas áreas de Londres, (caso de John Robinson Whitley). As exposições inglesas aproximaram-se dos modelos das americanas e francesas.
 - 8) Na Inglaterra havia clara dicotomia entre educação (trabalho) e entretenimento (prazer). pg 82. O público geral via as exposições como locais de entretenimento, contra vozes educadas ...O entretenimento passou a ser uma estratégia de atração, alheia aos objetivos principais da exposição.
 - 9) Por volta de 1900 certo equilíbrio entre entretenimento e alta cultura se institucionalizou . p. 84.

“Amusement without excess and knowledge without fatigue”

Embora os organizadores se envergonhassem do espaço e dos equipamentos voltados para a diversão. P. 85 A divisão trabalho/prazer foi tema dos moralistas ingleses ao longo do século 19. John Stuart Mill p.86 acesso à alta cultura. John Ruskin e W. Morris também – o trabalho é central. A ideologia do trabalho atingiu esquerda e direita indistintamente.

Trabalho=puritanismo, sofrimento moral, sacrifício em antecipação de alegria, senso comum e respeitabilidade. P. 87.

Atividades quase circenses abandonadas na exposição de 1862 –p. 87.

Pouco interesse nas galerias de arte. Segundo o autor, em função do puritanismo e da ‘secura’ das exposições, pg. 88

9) Quando os museus proliferaram entre 1890 e 1920, sua atitude era baseada em trabalho. No entanto, a própria ideia de trabalho não era a mesma, aquela que configurava uma verdade a priori (ps. 88 e 89).

10) Comparação com a França.

Num primeiro momento, exposições francesas sob a égide da Ilustração também elegiam o trabalho como categoria central. Nos últimos 25 anos do século 19 a orientação mudou. A Expo de 1879 refletiu a guinada à direita após a Comuna e as Guerras Franco-Prussianas, apesar da permanência da Enciclopédia. (ps. 90 e 91.) Em 1889, exposição construída como espetáculo (p. 91), com a ilusão de que todo o mundo estava lá presente. Torre Eiffel e Galeria das Máquinas.

A expo de 1900 (luz elétrica, não está no texto) acentuou o caráter de espetáculo, envolvendo toda a cidade.

11) Dualidade prazer x educação era bem menos evidente ou ausente. Igualitarismo. Noção de festival. Gratificação dos sentidos (sensuous) oposto ao self-improvement. Prazer=pecado e aprendizado=cultura. (p. 93) Concepção que continua na época da escrita do texto.

12) A direção política das exposições na Grã-Bretanha e na França, EUA e Europa era a mesma: Império, o grande capital e a tecnologia maquinica. Mensagens da grandeza imperial se fundiam com o Estado, as instituições, edifícios, objetos de arte. A diferença com os museus atuais (do texto) reside na neutralidade artificial de hoje. O que, para Greenhalgh, é “tragicamente inadequado” p. 95.

12) A crítica ao hoje. Não há plataforma filosófica para essa divisão entre museu e mundo, sobretudo com relação à atividade cultural pública. Assumir a feição política geraria vitalidade intelectual. Quanto mais mundana a exposição, mais bem sucedida. P. 96 Não apenas em nível popular, mas também nos domínios de artes, artes decorativas, ciência e tecnologia.

13) Os franceses mantiveram suas ideologias políticas vivas e vibrantes em seus museus. Centro Georges Pompidou, d’Orsay (em que houve intenso debate entre socialistas e conservadores)

Exemplo das diferenças, expo Salvador Dali – greve no Pompidou. Em Londres, a exposição séria tirou a possibilidade de experimentar (vivenciar) um ambiente surrealista.

14) As grandes exposições deveriam ser estudadas por curadores contemporâneos. Possibilidade de ter alta cultura e cultura popular em proximidade íntima. “uma podendo tornar-se a outra”.

Dark sides do empresário Imre Kiralfy ver White City (que teve a ver com as Olimpíadas de 1908 pgs 82- 84), mas lição de seu igualitarismo.

A autora Jacqueline Bratton menciona Greenhalgh dizendo que suas afirmações sobre Imre Kiralfy são equivocadas. (não sei em que sentido, não tive acesso ao livro).

Comentários:

O alinhamento teórico do texto:

Estudos culturais,

Daniel Miller: o novo lugar do consumo nos estudos culturais.

Ver, a respeito, as diferenças entre a apreensão de Marx e dos críticos do gosto.

Ver, por ex., a não distinção de Kenneth Frampton a respeito.

Levin, Miriam R., Sophie Forgan, Martina Heßler, Robert H. Kargon, and Morris Low. *Urban Modernity: Cultural Innovation in the Second Industrial Revolution*. Massachusetts: MIT, 2010.

Sobre Paul Greenhalgh

Paul Greenhalgh é diretor do Sainsbury Centre for Visual arts na Universidade de East Anglia, desde 2010.

Foi diretor e presidente da Galeria de Arte Corcoran e do Corcoran College of art and Design em Washington DC.

Foi também pesquisador das coleções de cerâmica e vidro no Victoria and Albert Museum.

Publicou:

Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851–1939. Manchester: Manchester University Press, 1988. *Essential Art Nouveau.* London: V & A Publications, 2000.

The Modern Ideal: The Rise and Collapse of Idealism in the Visual Arts from the Enlightenment to Postmodernism. London: V & A Publications, 2005.

The Persistence of Craft: The Applied Arts Now, and Art Nouveau 1890–1914.

About the man behind White City

Imre Kiralfy, a famous exhibition organiser in his time and “permanent counsellor of the British government for foreign shows”, also member of the London Chamber of Commerce, was a key figure in the craze for public exhibitions in the early 20th century. As Commissioner-General for the Franco-British Exhibition, he developed the exhibition grounds on farmland on 140 acres at Shepherd’s Bush where he built the Great White City and Stadium. The stadium was a last-minute addition when London took over hosting the 1908 Olympics.

The White City was named for the white plaster finish of its building exteriors in “wedding-cake style” but despite the overall whiteness of the fair, the two organising countries of the first exhibition held there, that of 1908, had different architectural styles. There were some 120 exhibition buildings and 20 pavilions, most designed in an Oriental style, with domes and arabesque arches. They were linked by a network of roads, bridges, and waterways, and centred around an artificial lake. The halls included French and British Palaces of Industry, a French Artisan’s Palace, the prominently-placed Palace of Women’s Work (celebrating famous figures from Elizabeth I to Florence Nightingale), a Fine Art Palace (with paintings by Hogarth, Gainsborough, Corot, Courbet...), huge Machinery Halls etc. In the Garden of Progress, the Pavilion of the City of Paris was said to give one “the reposeful pleasure always attending the contemplation of a pure work of art.” A number of model villages were reconstructed to celebrate imperial achievements, such as Ballymacclinton, a “genuine” Irish village, and a French



A postcard of White City



The hall where the Alliance held its first event

Two stations of the Underground were built to serve the exhibition and the games and survived long after (the old Wood Lane and Shepherd's Bush stations). Numerous special trains were organised from all over the country and also to ferry visitors from France.

Meant initially as a trade fair, it was also undeniably a fun fair, with a lot of music all around and several exciting attractions, notably the famous flip flap. The exhibition, the largest of its kind in Britain, attracted some 8.5 million visitors from all over Britain and France, with a wide social mix. It was even a financial success with receipts of over 420,000 pounds!

King Edward VII and the French Président, Armand Fallières, visited the Exhibition en grande pompe at the end of May. An article in *The Times* summed up the fervour thus:

“The spirit animating the thousands of British citizens who delighted to honour our distinguished guest [President Fallières] was happily epitomized in the remark of a simple sightseer to a friend as they stood for the procession to pass. “What does ‘RF’ mean?” asked the friend, pointing to the monogram of the French Republic, displayed on a Venetian mast at the side of the road. “Why, ‘Real Friends’ of course” was the unhesitating and entirely satisfying reply.”

<http://www.alliancefrancaise.london/1908-Franco-British-Exhibition.php>

INTERNATIONAL UNIVERSAL EXHIBITION 1898

Earl's Court,
LONDON, S.W.

Director General,
IMRE KIRALFY.

Price
6^d.

OFFICIAL
GUIDE & CATALOGUE.

RIDDLE &
COUCHMAN
LONDON



Outro link interessante é <http://www.20thcenturylondon.org.uk/white-city-exhibitions>